



ARTIGOS / ARTICLES

A PROBLEMÁTICA DA IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

Cristoffer Fernando Ribeiro de Jesus¹

Fabiano de Mello Vieira²

RESUMO: O presente artigo trata da questão da identidade, buscando apresentar algumas definições essenciais desse conceito e também evidenciar os processos de mudança em torno da concepção de sujeito. Ele expõe igualmente suas consequências para a formação da identidade. Na tradição filosófica, encontramos algumas abordagens fundamentais sobre o tema, que assinalam ao conceito de identidade um caráter unitário, como, por exemplo, o período moderno que apresentou a noção de um sujeito centrado em si mesmo, consciente de seu maior atributo, entendido como a razão. Porém, a concepção clássica e moderna do homem é questionada com o advento da pós-modernidade, que alterou o modo de compreensão sobre o tema da identidade através de uma série de descentralizações que colocaram o ser humano em uma realidade múltipla, marcada pela pluralidade e não mais pela unidade.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Sujeito; Modernidade; Pós-modernidade; Globalização.

Estas reflexões estão divididas em três partes. Na primeira parte, vamos expor alguns conceitos sobre o termo identidade encontrados na história da filosofia a partir de dicionários e de grandes obras filosóficas que contribuem para essa primeira abordagem. Na segunda, analisaremos o conceito de identidade com ênfase na pós-modernidade, intitulada também como modernidade tardia, acentuando suas principais características e expondo as consequências dessa nova fase para a concepção do sujeito. A partir das considerações sobre a modernidade tardia, examinaremos as alterações que ocorreram em torno do tema da identidade, apontando para os novos sentidos em que o termo passa a ser utilizado. Por fim, na terceira parte, desenvolveremos mais um

¹ Cristoffer Fernando Ribeiro de Jesus é licenciado em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e graduando em Teologia pelo Claretiano – Centro Universitário. Este artigo foi elaborado a partir da monografia (TCC) orientada pelo Prof. Dr. Fabiano de Mello Vieira. E-mail: cristoffer@hotmail.com

² Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), professor de filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBM). E-mail: mello_psico@hotmail.com

problema em que o conceito de identidade é inserido, sendo ele a globalização, a partir do pensamento do sociólogo polonês Zygmunt Bauman que foi capaz de captar o espírito de nosso tempo e conseguiu exibir com clareza o conflituoso contexto em que a identidade passa a ser formada.

1. O conceito de identidade na tradição filosófica

Na história da filosofia encontramos várias definições do conceito de identidade. Por isso, como ponto de partida escolhemos o dicionário Abbagnano, que nos oferece três significados do termo: o primeiro considera a identidade como unidade de substância, o segundo apresenta a identidade como substancialidade, e o terceiro define a identidade como uma convenção³.

A primeira definição é dada por Aristóteles que interpreta a identidade em um sentido essencial, sendo tal conceito uma unidade substancial. A substância é a base que orienta todos os significados do ser e o homem é um composto de matéria e forma, mas essa composição é plenamente unificada, definida. Como nos é apresentado por Reale, a doutrina e forma da matéria é denominada *hilemorfismo*, sendo essas duas a essência de todo ser natural. A matéria, é potencialidade indeterminada e também é princípio de individuação, ou seja, determina o que uma coisa é. A forma, é o princípio do ser e agir, dado que é aquilo que concretiza e realiza a matéria. Associados a esses conceitos, está a questão do ato e potência, em que a alma vivifica em ato um corpo que está em potência em relação à vida. Portanto, a filosofia de Aristóteles, buscava pela unidade humana, sendo que o homem não é só o corpo e também não é somente alma, mas é um ser indiviso⁴.

A segunda definição que encontramos em Abbagnano, se refere à identidade como substancialidade, conceito que é elaborado por Leibniz. No entendimento deste filósofo, a substância apresenta três características fundamentais: unidade, independência e permanência na mudança, sendo que um indivíduo não pode ser pensado sem esses atributos. Para Leibniz, a substância exige independência total, unidade absoluta e permanência eterna, conseqüentemente, somos levados a admitir que o mundo é

³ IDENTIDADE. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Mestre Jou, [S.l.], 1973.

⁴Cf. REALE, G; ANTISERI, D. *História da filosofia: filosofia pagã antiga*. v. 1. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 198.

composto por numerosas substâncias eternas que não interagem entre si, ou seja, são elementos simples que mesmo com os processos de mudança, permanecem inalteráveis.

Com essa definição de substância, Leibniz corrobora o princípio lógico de não contradição, conhecido também como princípio de identidade. Essa formulação é considerada fundamental no período moderno, pois orienta toda a compreensão da realidade, dado que por meio dela nos é possível determinar a verdade ou falsidade das proposições, em razão de que tudo o que se contradiz não pode coexistir ao mesmo tempo e no mesmo aspecto. Em outras palavras, tal princípio afirma que algo existe, ou não existe, ou que algo é, ou não é. A partir desse princípio da lógica clássica, Leibniz desenvolve o princípio de identidade dos indiscerníveis, que afirma não existir jamais dois seres na natureza que sejam perfeitamente iguais, ou seja, dois seres que não possuam uma diferença interna. A identidade como substancialidade é então independente, autossuficiente, una⁵.

A noção de substancialidade desenvolvida por Leibniz, dá novo sentido a obra de um dos maiores filósofos da história: Descartes. Esse exímio pensador é considerado o fundador da era moderna pelo fato de introduzir a prevalência do *cogito*, isto é, do pensamento, da razão como fonte do conhecimento verdadeiro e certo. A afirmativa cartesiana: “penso, logo existo” é o que vai orientar toda a filosofia moderna, centrando toda a sua atenção no sujeito, dado que o assunto principal não é mais o ser, mas o conhecimento. A filosofia de Descartes apresenta a ideia de duas substâncias independentes entre si: a *res cogitans* e *res extensa*. A primeira é uma substância pensante, ou seja, que se refere ao pensamento, e a segunda, diz respeito à substância material, extensa. É justamente essa ideia de duas substâncias que Leibniz refutou, ao propor o modelo de independência da substância.

A filosofia cartesiana, com o primado da razão, transformou profundamente a auto compreensão do homem, posto que, sua dignidade passou a ser encontrada no pensamento, no ser racional. É justamente essa imagem que Descartes nos oferece, o homem voltado para a racionalidade, para o pensamento e para a subjetividade. Essas contribuições racionalistas que supervalorizaram a razão, marcaram todo o período moderno caracterizado pelo debate entre racionalistas versus empiristas, sendo também

⁵ Cf. PERKINS, Franklin. *Compreender Leibniz*. Tradução de: PENCHEL, M. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 27.

de fundamental importância para o surgimento do movimento iluminista, que veio a oferecer uma nova abordagem do homem.

A era moderna, chega ao seu apogeu com a obra filosófica de Immanuel Kant. Como demonstra Ghiraldelli Junior, Kant instituiu um novo sentido a noção de sujeito, que passou a significar não apenas o sujeito de fala, como afirmava Aristóteles, mas também o eu ou a consciência. Kant foi capaz de construir uma ponte entre o conceito da tradição e o espírito de seu tempo. Este filósofo alemão deu novo significado ao termo ao dizer que o eu é sujeito em uma situação específica, na relação de união com o predicado, isto é, o eu é sujeito quando determina a união do sujeito e do predicado nos juízos. Kant conceitua a autoconsciência, definindo-a como um sujeito infinito que está em mim, que pensa em mim, sendo anterior a toda e qualquer experiência, porém, só podemos conhecer aquilo que nos é dado pela experiência, o que está além disso, só é possível intuir⁶.

Então, quando nos referimos a filosofia moderna, encontramos nesse período variados sistemas filosóficos, no entanto, apresentamos alguns traços comuns que caracterizam essa fase do pensamento. Destacamos aqui algumas das principais contribuições filosóficas, salientando três pensadores clássicos: Descartes, Leibniz e Kant. O espírito moderno é orientado pela razão, pela subjetividade e pela noção do eu. O conceito de identidade no período moderno é formado a partir dessas premissas, iniciando com a questão da substancialidade desenvolvida pelos filósofos racionalistas, culminando na noção do eu elaborada por Immanuel Kant. Isto posto, o homem moderno deveria voltar-se para a sua maior potencialidade, ou seja, o conhecimento, o saber, confiando em sua própria razão e consciência.

A terceira concepção da identidade que nos é apresentada por Abbagnano, afirma que o termo significa uma convenção, isto é, a identidade pode ser estabelecida ou reconhecida a partir de todo e qualquer critério convencional. Dessa forma, não é possível estabelecer definitivamente o significado da identidade ou o critério para reconhecê-la, porém, nos é permitido dentro de um sistema linguístico, identificar de maneira convencional oportuna o critério em que a identidade será reconhecida. A partir dessa concepção, quando tratamos do termo identidade, o importante é deixar claro o critério que está sendo adotado, ou seja, qual é o referencial assumido para expressar seu significado.

⁶ Cf. GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *O que é filosofia contemporânea*. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 29.

Nessa concepção da identidade como uma convenção, a identidade não pode ser entendida apenas como algo anterior, mas que na verdade está inserida em um processo de construção, ou seja, resulta de um acordo entre sujeitos que estabelecem critérios em que essa identidade será definida, posto que não há um critério universal de identificação, mas o termo deve ser entendido na pluralidade de sistemas e na complexidade de suas interpretações. Desse modo, não parece mais haver espaço para o sujeito autônomo e autossuficiente encontrado na filosofia moderna, mas poderíamos dizer que o sujeito passa a ser entendido em uma dimensão sociológica e cultural. É justamente essa dimensão que nos é demonstrada por Hall, afirmando que o sujeito é formado na relação com outras pessoas que revelam seus valores, símbolos e sentidos, ou seja, quando se fala em identidade, é necessário levar em conta a cultura em que o sujeito está inserido, isto é, o mundo em que ele habita⁷.

A identidade nessa concepção sociológica se dá de maneira interativa entre o eu e a sociedade. É importante notar que o sujeito nesta definição da identidade ainda possui um núcleo que seria o eu real, mas que é modificado através do contato com outros mundos culturais externos em que o sujeito se depara com outras identidades. Conforme a interpretação de Hall, nessa concepção sociológica, a identidade preenche um espaço entre o interior e o exterior, dado que ao mesmo tempo em que expomos nossa realidade interior no mundo, estamos em contato com outras realidades, outros valores, que são internalizados no eu e a partir disso, somos capazes de reconhecer semelhanças, diferenças, formando nossa subjetividade, reconhecendo a existência de mundos culturais e formando nossa identidade.

Como nos é possível perceber, nesta concepção sociológica de identidade ainda há um eu anterior a minha experiência social. No entanto, essa definição passa por uma mudança significativa onde o sujeito, considerado com uma identidade unificada e estável conforme os moldes dos tempos modernos passa a ser compreendido na fragmentação, composto não mais de uma identidade, mas de identidades plurais que se apresentam até mesmo contraditórias, ou como indica Hall, identidades não resolvidas⁸. Essa dimensão sociológica da identidade, como todas as outras concepções que foram até o momento apresentadas, entra em colapso com as mudanças estruturais, culturais, institucionais que alteraram o modo de compreensão em torno do sujeito.

⁷ Cf. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de: SILVA, T. T. da; LOURO, G. L. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

⁸ Cf. *Ibid*, p. 12.

A partir dessas mudanças, o meio de identificação tornou-se provisório, variável, problemático e a ideia de uma identidade plenamente completa, unificada, coerente, passou a ser considerada uma fantasia. No entanto, isso não se deu de maneira imediata ou repentina, mas sim como resultado de um processo complexo de deslocamentos lançados sob o sujeito, que passa a ter que lidar com a fragmentação, a multiplicidade e a pluralidade de identidades que aparecem como resultado desse movimento.

2. A descentralização do sujeito

Analisando agora o aspecto da descentralização do sujeito, a obra de Hall⁹ aparece como sendo fundamental, na medida em que é justamente em torno dela que seguiremos nossas arguições. Seguindo os passos desse autor, iniciamos pela chamada “modernidade tardia”, investigando os problemas que corroboraram para que a concepção do sujeito moderno fosse evanescente. É preciso ter em mente que aquilo que desenvolveremos nesta seção diz respeito às alterações na compreensão em torno do sujeito, que na era pós-moderna é formada dentro de um ambiente cultural e social muito mais amplo e que envolve situações complexas.

O espírito dessa modernidade tardia, chamada também de pós-modernidade, foi denominado pelo pensador italiano Gianni Vattimo como o pensamento fraco. Na esteira deste filósofo, Almeida nos apresenta, de maneira clara, algumas características elementares da pós-modernidade que podem ser resumidas no seguinte: a inexistência de um fundamento último, único e categoricamente normativo; uma ontologia “fraca” que abandona os atributos “fortes” do ser, isto é, a unidade, totalidade, veracidade, etc.; uma nova versão da história ocidental com modelos instáveis e frágeis; uma ética da interpretação que leva em consideração a pluralidade, a fragmentação e a transformação das práticas religiosas em estilos secularizados¹⁰. Almeida nos explica que não é tarefa fácil conceituar o que seria de fato a pós-modernidade, mas por outro lado, afirma que podemos encontrar nesse período um mundo diversificado de metamorfoses, que são resultado de novas e diferentes forças, novas perspectivas, releituras, reinterpretções, reavaliações, em um processo constante de destruição e reconstrução¹¹.

⁹ Cf. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de: SILVA, T. T. da; LOURO, G. L. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

¹⁰ Cf. ALMEIDA, Rogério Miranda de. *A fragmentação da cultura e o fim do sujeito*. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 282.

¹¹ Cf. Ibid, p. 268.

No que diz respeito ao termo pós-modernidade propriamente dito, ele passou a ser utilizado na filosofia a partir da obra de Jean François Lyotard publicada em 1979, intitulada: “*A condição pós-moderna*”. Almeida nos revela que o termo “pós-moderno” já existia em outras áreas do saber, porém, é no trabalho de Lyotard que encontramos uma produção sistemática sobre este tema¹². Lyotard, colocou em debate a questão da legitimação do saber, analisando e interrogando o que entendemos sobre as provas, em que condições reconhecemos o verdadeiro, como podemos admitir a existência da verdade. Ao interpelar-se sobre esses problemas, Lyotard se afasta da metafísica se distanciando da noção de uma essência transcendente concentrando-se nas regras em que o conhecimento é validado, chegando à conclusão de que a verdade surge a partir de um debate entre peritos, ou seja, as provas científicas se referem a um consenso entre especialistas. Consequentemente, o que reconhecemos como verdadeiro, é na realidade o resultado de uma construção discursiva de um determinado grupo que estabeleceu os critérios para que essa verdade fosse validada. Por conseguinte, Lyotard passa a questionar sobre quem teria o direito de decidir pela sociedade e também qual é o sujeito que estabelece as normas para os demais. Os problemas elencados por esse filósofo francês expressam a realidade pós-moderna com todas as suas características. Essa nova fase do pensamento veio a solapar o sujeito moderno, sendo tal condição, resultado de uma série de descentralizações.

Uma das mais importantes descentralizações foi operada pela tradição de pensamento marxista. Hall manifesta que embora as obras de Marx sejam do século XIX, é no século XX que seu trabalho é redescoberto e reinterpretado em uma série de novos contextos políticos e culturais. Tendo como base a ideia de que os homens fazem a história, mas sob as condições que lhe são dadas, muitos pensadores interpretaram que os indivíduos jamais seriam os autores, ou os agentes da história, visto que se formam e agem por meio das condições que são oferecidas por outros, servindo-se de recursos que foram fornecidos por gerações anteriores. Os filósofos dessa linha de pensamento argumentavam que o marxismo teria deslocado qualquer noção de atividade, ou agência, individual¹³.

Outra descentralização que alterou o modo de compreensão sobre o sujeito, surge com a descoberta do inconsciente feita pelo pai da psicanálise, Sigmund Freud. O

¹² Cf. Ibid, p. 275.

¹³ Cf. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de: SILVA, T. T. da; LOURO, G. L. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

trabalho deste pensador, na concepção de Hall, modificou todo o conhecimento acerca de nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos, quando veio a declarar que todas essas coisas são formadas a partir de processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que atuam de modo totalmente diferente da concepção racionalista, rompendo com a noção do sujeito cognoscente, racional, que possuía uma identidade fixa, estável, plenamente unificada¹⁴.

Como consequência, a identidade para a psicanálise é formada ao longo do tempo por meio de processos inconscientes, sendo que não haveria nenhum sujeito no mundo que tenha nascido com sua identidade completa. A ideia de unidade que defendiam os filósofos racionalistas é apenas algo imaginário, uma fantasia, pois a identidade para a psicanálise está em constante movimento, dado que é incompleta e inacabada. Nesse sentido, Hall defende que não haveria então o conceito de identidade, existindo apenas o processo de identificação¹⁵. A identidade não nos é dada, não provém de um núcleo interior do sujeito, mas começa a se formar a partir de uma falta de inteireza interior, sendo que essa falta é preenchida por meio de nossas experiências com o mundo exterior e através da maneira como imaginamos ser vistos pelos outros.

Outro fator que proporcionou a descentralização do sujeito diz respeito a filosofia da linguagem, da qual Hall destaca o trabalho de Ferdinand de Saussure. Este filósofo defendia que nós jamais somos os autores das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos pela linguagem. De acordo com esse pensador de Genebra, a língua se apresenta como um sistema social e cada indivíduo somente pode produzir significados a partir de determinadas regras da língua e da cultura em que ele está inserido. A língua, nesse caso, é pré-existente ao sujeito, conseqüentemente, não há nenhuma possibilidade de sermos seus autores. Dentro deste contexto, falar uma língua significa lidar com os significados que já se encontram subsumidos em nossa língua e em nossa cultura¹⁶.

Nessa mesma perspectiva filosófica, não podemos deixar de fora a contribuição de Jacques Derrida. Este pensador tentou desconstruir as bases em que se assentava o edifício da filosofia, questionando o platonismo e toda tradição metafísica através de uma das características da linguagem, isto é, o discurso. Derrida, sustentava que o discurso filosófico, ao tentar definir em que consiste a realidade e o significado,

¹⁴ Cf. Ibid, p. 36.

¹⁵ Cf. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de: SILVA, T. T. da; LOURO, G. L. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

¹⁶ Cf. Ibid, p. 40.

colocou-se acima de outros discursos provindos de outras áreas do conhecimento, mas sem possuir legitimidade para tal postura. O discurso filosófico, não seria melhor ou pior que o discurso de outras áreas da vida humana, ou seja, ele não é superior ou inferior aos outros discursos, tanto escritos como falados ou até mesmo aqueles provenientes da ciência e da ficção. Isso significa dizer que o discurso filosófico é instável, ou seja, pode sofrer alternâncias e por isso quando tenta definir a realidade das coisas, se mostra insuficiente¹⁷.

De acordo com Hall, a descentralização operada por Derrida tem consequências diretas no conceito de identidade, pois o sujeito, falante individual, jamais poderá fixar o significado de maneira definitiva, conseqüentemente, não lhe será possível definir o significado total de sua identidade. Embora constantemente incorramos na tentativa de totalizar o significado, isso não é viável, pois nossas afirmações são baseadas em premissas das quais não temos plena consciência, dado que o significado é sempre instável. Assim sendo, o significado procura pelo fechamento, que seria a identidade, mas não pode fazer isso pelo fato de que é desestabilizado pela diferença. Então, não podemos apontar para uma definição objetiva do significado, pois ele não se deixa abarcar por completo, visto que existem novos significados que podem emergir dos quais não temos qualquer controle e que poderão subverter a tentativa de criar realidades fixas e estáveis¹⁸.

Se analisarmos mais a fundo a história da filosofia poderemos encontrar outros fatores que acentuam essa descentralização, mas nos é impossível abarcar todas as correntes filosóficas que influenciaram o surgimento do pensamento pós-moderno. Por isso, escolhemos alguns aspectos que consideramos de suma importância para entendermos de que modo acontece essa transição, da unidade para a multiplicidade, do estático para o transitório, do estável para o instável, posto que o sujeito passa a lidar com processos em contínua transformação nesse novo contexto pós-moderno em que a identidade não é mais considerada um atributo essencial do ser, mas parte integrante do sujeito que está em constante devir.

¹⁷ Cf. GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *O que é filosofia contemporânea*. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 74.

¹⁸ Cf. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de: SILVA, T. T. da; LOURO, G. L. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

Com base nessas argumentações, podemos sustentar que o sujeito e sua identidade, entraram em crise e essa crise veio a acentuar-se com um novo fator: a globalização. É justamente esse tema que desenvolveremos a seguir, analisando em que consiste o fator global e quais os desdobramentos desse assunto no que toca a problemática da identidade.

3. A identidade na era da globalização

Quando se trata de globalização encontramos um imenso referencial teórico nos mais variados campos do conhecimento. Por isso, optamos por orientar nossas arguições a partir da produção intelectual do sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman. Na concepção desse pensador, a globalização é uma realidade do novo mundo e se apresenta como uma transformação total e irreversível que afeta as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a sociedade como um todo, a subjetividade humana, a produção cultural, a vida diária e as relações interpessoais¹⁹. A globalização, nas obras de Bauman, é sinônimo de modernidade líquida, que se refere a fluidez das relações em nosso mundo contemporâneo em que o fator global promoveu o encurtamento das distâncias e nos colocou em movimento constante.

O termo “modernidade líquida”, é uma metáfora utilizada por Bauman para tentar explicar a condição do mundo e da sociedade contemporânea. A expressão usada pelo sociólogo se refere ao processo de derretimento dos sólidos, em que todas as ideias do período pré-moderno, que afirmavam consistência, unidade, imobilidade, são alteradas por essa liquidez, também pelos deslocamentos que analisamos no item anterior, e principalmente pela globalização. O fator global nos colocou em movimento, mesmo que fisicamente parados estamos conectados, permanecemos em rede, pois com o advento da internet, não há mais fronteiras no mundo. Por outro lado, a globalização gerou uma ansiedade constante na vida humana, sendo que estando em um lugar, nossa mente imagina como seria a sensação de estar em outro. Na modernidade líquida, a imobilidade não condiz com a realidade da vida, pois como Bauman anuncia: “Não é possível ficar parado em areia movediça”²⁰.

¹⁹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Identidade* :entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de: MEDEIROS, C. A. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

²⁰ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Tradução de: PENCHEL, M. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

Diante dessa realidade, o conceito de identidade passou por uma transformação, em que as identidades sociais, culturais, sexuais, tornaram-se incertas, passageiras, sendo que qualquer tentativa de estabelecer uma política de identidade estável, tornou-se um beco sem saída. Na visão do filósofo polonês, a identidade não nos é dada, seu conceito não diz respeito a algo que precisa ser descoberto, mas nesse contexto líquido, a identidade nos é revelada como algo que precisa ser inventado. Essa invenção implica esforço, sendo uma construção que começa do zero ou os indivíduos podem escolher dentre as muitas alternativas que são oferecidas, um modelo de identidade e a partir disso lutar para protegê-lo, mesmo diante da fragilidade e da realidade líquida, na qual a identidade será sempre inconclusa²¹.

Vivemos em um contexto em que a fragilidade e a condição provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O desejo de estabelecer uma identidade, vem do desejo de segurança, que com o tempo se revela um sentimento ambíguo. Mesmo que pareça estimulante a ideia de uma identidade fixa, a empolgação é apenas de curto prazo, pois no decorrer do tempo, essa condição se mostra enervante, produzindo também uma imensa ansiedade, visto que em nosso tempo, líquido moderno, o indivíduo é concebido como um ser totalmente livre, que pode transitar por diferentes caminhos, ou seja, o sujeito é desimpedido e nessa lógica, estar fixo, se identificar de modo inflexível, negando outras alternativas, acaba sendo algo inapropriado. Nessa situação, manter uma posição estática diante de uma infinidade de possibilidades, não parece uma perspectiva atraente, pois no admirável mundo de oportunidades fugazes e de seguranças frágeis, as identidades definidas e determinadas, parecem não ter espaço²².

Outro fator característico desse mundo líquido, seria a guerra por reconhecimento. Bauman revela que o marxismo, diante das novas realidades sociais se mostrou insuficiente, pois não foi capaz de dar conta da complexidade do mundo, sendo que é absurda a ideia de que um modelo embasado em apenas um fator seria capaz de abarcar toda a experiência humana. Diante de inúmeras diferenças e reivindicações, a luta de classes transformou-se em luta por reconhecimento, dado que o conflito social deu lugar a uma multiplicidade de confrontos de diferentes grupos em diversos locais. O que aparece como motivo principal nesse conflito, é a busca por um suposto “mundo melhor”, porém, os grupos envolvidos não se preocupam com o que realmente importa

²¹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de: MEDEIROS, C. A. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

²² Cf. *Ibid*, p. 35.

e se voltam somente para os seus interesses nessa guerra por reconhecimento. O que verdadeiramente vale a pena para Bauman, seria a reivindicação pela melhoria das condições da vida humana, a redução da miséria humana, a diminuição das desigualdades em termos de oportunidades, condições e perspectivas de vida, distribuição de riqueza, mas os grupos sociais da modernidade líquida preferem manter-se em silêncio perante essas questões²³.

O processo de identificação se apresenta também como causa de separação social, sendo que de um lado, encontramos indivíduos que definem ou desarticulam as suas identidades segundo a própria vontade, tendo a oportunidade de escolha diante dos inúmeros modelos mundiais de identificação. Do outro lado, encontramos indivíduos que não tiveram acesso à escolha da identidade, ou seja, não tiveram a oportunidade de decidir ou de manifestar as suas preferências e que conseqüentemente, são oprimidos por identidades impostas por outros, aplicadas por outros, das quais não podem se libertar, pois compreendem que essa é uma identificação que lhes concede certo reconhecimento, mas que no fundo, expressam uma condição ultrajante de desumanização e humilhação²⁴.

Bauman, para esclarecer a realidade dinâmica da modernidade, relaciona o conceito de identidade a um quebra-cabeça. Até a era da ilustração, havia uma imagem do humano a ser buscada. Naquele contexto, os sujeitos tinham a sua disposição determinadas peças que ao longo da vida poderiam se encaixar, tendo em vista uma imagem final, um objetivo último de realização. Na modernidade líquida, a situação é completamente diferente, pois agora nos deparamos com inúmeras peças, são incontáveis as possibilidades e não há uma imagem final, ou seja, não se sabe aonde se quer chegar e pior do que isso, não se sabe qual direção seguir²⁵.

Diante de todos esses fatores, a identidade se apresenta como algo provisório sendo que a mutabilidade é resultado dessa condição que Bauman denominou como modernização. A ideia básica é que se tratando do ser humano, nada é imutável, tudo pode ser alterado, transformado e esse é um pressuposto que acompanhou a modernização desde o início. Na modernidade é preciso que haja progresso, desenvolvimento, atualização e nessa circunstância, o sujeito deixa de ser moderno quando para de modernizar-se, isto é, quando para de movimentar-se e não acompanha

²³ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de: MEDEIROS, C. A. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

²⁴ Cf. *Ibid*, p. 45.

²⁵ Cf. *Ibid*, p. 54.

a dinâmica que a modernidade líquida exige. Nela, se apresenta a tentativa de superar os limites da natureza humana em busca de um suposto “aperfeiçoamento” que se adequa às necessidades dos indivíduos. Até mesmo o código genético das pessoas tornou-se manipulável e isso era algo inimaginável no passado, sendo que isso expressa também a volatilidade de nosso tempo. Conseqüentemente, a identidade não escapa dessa tendência moderna e aquilo que parecia imutável, o corpo ou seu sexo, podem ser alterados²⁶.

A identidade pode ser transformada e encontramos no mundo contemporâneo inúmeras possibilidades de atuação. Cada indivíduo pode escolher a forma pela qual deseja ser reconhecido, pois não faltam alternativas para tornar-se o personagem que deseja. De acordo com Bauman, outrora a arte de viver consistia em encontrar os meios para atingir determinados fins, agora isso mudou, e os fins são testados um por um através dos meios que se tem, sendo que não há um fim absoluto. A construção da identidade se transformou em experimentação, encenação, em que se assume uma identidade em um determinado momento, mas existe uma infinidade de identidades que estão à disposição e outras que ainda estão por vir, que podem ser assumidas e experimentadas. Portanto, não é possível saber se a identidade que foi assumida no momento presente será fonte de satisfação para toda vida, por isso, muitos preferem manter a porta aberta, mudando na medida em que achar necessário²⁷.

Conclusão

O conceito de identidade entrou em um processo de transformação contínua. Aquilo que tínhamos como pressuposto no passado, ou seja, a afirmação da unidade, coesão, racionalidade, foi substituído por novas linhas de inteligibilidade que tem conseqüências diretas no agir humano, sendo que estas colocaram o sujeito em crise, pois não nos é possível encontrar pontos fixos de ancoragem.

A identidade foi subvertida, transformada em devir diante das inúmeras possibilidades que se nos apresentam. Isso explica a angústia encontrada na era contemporânea, um mal-estar que consome a pessoa humana por não saber qual via escolher diante da infinidade de oportunidades. De qualquer forma, é preciso decidir, é

²⁶ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de: MEDEIROS, C. A. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Título original: *Identity: conversations with Benedetto Vecchi*. p. 90.

²⁷ Cf. *Ibid*, p. 91.

necessário iniciar um projeto de realização de vida, buscando encontrar o modelo de identidade mais adequado. Outra questão que aparece quando analisamos o conceito de identidade, é o problema da originalidade. A reflexão em torno da originalidade é necessária, pois é preciso aprofundar o tema de como nos será possível construir uma identidade original, sem que isso nos coloque em um espaço abjeto. O tema exige sensatez, portanto, convém filosofar.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1973.
- ALMEIDA, Rogério Miranda de. *A fragmentação da cultura e o fim do sujeito*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *O que é filosofia contemporânea*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- PERKINS, Franklin. *Compreender Leibniz*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- REALE, G; ANTISERI, D. *História da filosofia: filosofia pagã antiga*. v. 1. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.